

29/08/2019

Py'aju / Yamari / Oka

Rossel Lyra Desmond

[Antropóloga. Indigenista]

Dos povos indígenas podemos extrair várias coisas. Principalmente seus rituais de celebração à natureza. O governo Bolsonaro está determinado a acabar com “isso aí”. Na coluna anterior transcrevi uma fala dessa pessoa sobre seu plano quanto a “isso aí”. “Isso aí” não é só a Amazônia. Em todo o Brasil existem índios.

No Rio Grande do Sul os Guarani, Mbia Guarani, Kaingang e alguns mistos eram quase 33 mil em 2010^{1,2}.

Pense em sua família quando contabilizar índios. 33 mil é pouco? Pai, avô, mãe, avó, dois ou três tios e tias, irmãos - três ou quatro -? Filhos - dois ou três -. Somou?

Até aqui dezessete pessoas de sua família.

33 mil índios é pouco? Em Santa Catarina eram 16 mil Guarani, Kaingang e Xokleng em 2010^{1,3}.

Pense em sua família quando contabilizar índios. 16 mil é pouco? Pai, avô, mãe, avó, dois ou três tios e tias, irmãos - três ou quatro -? Filhos - dois ou três -. Somou?

Até aqui dezessete pessoas de sua família.

16 mil índios é pouco? No Paraná eram quase 26 mil Guarani, Kaingang e Xetá, em 2010^{1,4}. 26 mil é pouco?

Pense nos dezessete de sua família.

Em São Paulo eram, em 2010, quase 42 mil Mbya Guarani, Nandeva, Kaingang, Terena, Krenak, Fulni-ô e Atikum. No Rio de Janeiro quase 16 mil; 14 mil e quinhentos em Alagoas; em Tocantins 13 mil; em Rondônia 12 mil; pense nos dezessete de sua família.

No Espírito Santo eram 9 mil; 8 mil e quinhentos em Goiás (sabe-se lá como, na sede da famosa UDR [União Democrática Ruralista] - conhecida exterminadora de índios -);

7 mil no Amapá; pense nos dezessete de sua família.

Ainda, no mesmo censo de 2010, eram 6 mil no Distrito Federal (um tanto estranho, não? Na sede dos exterminadores); 5 mil em Sergipe; quase 3 mil no Piauí; 2 mil e quinhentos no Rio Grande do Norte.

São tantas as etnias, as riquezas de suas distintas culturas, seus rituais de preservação da natureza, que é difícil classificá-los. Em coluna anterior assinalamos as 305 etnias e 274 línguas indígenas, no Brasil. Quanto teríamos para aprender com esse manancial de riquezas... Pense em sua família... No Ceará, ainda em 2010, eram 19 mil; e também 19 mil na Paraíba; em Minas Gerais 31 mil; no Maranhão 35 mil; 39 mil no Pará; continue pensando nos dezessete de sua família. 42 mil e quinhentos no Mato Grosso; em Roraima, quase 50 mil; em Pernambuco, 53 mil; e 56 mil na Bahia. Pensando em sua família é difícil não pensar em que condições vivem essas pessoas.

Sim, é espantoso, mas são pessoas. Pessoas diferentes e diferenciadas, mas são, como são as da sua família.

No Mato Grosso do Sul, no mesmo censo (2010) eram 73 mil; e 168 mil 680 seres humanos no estado do Amazonas.

Muitas de suas histórias foram apagadas desde a primeira leva do extermínio, há 5 séculos.

Recentemente, todos sabemos, e provavelmente você e os dezessete de sua família sabem, que o extermínio de índios se dá pela expansão da miséria do país que empurra outras modalidades de vítimas do latrocínio de governos inconsequentes para as terras indígenas.

Para elas acorrem garimpeiros desesperados, jagunços destemperados, grileiros acobertados, aventureiros da desesperança.

Não deixam de ser vítimas, também, de um país cujas elites econômicas e políticas desrespeitam seus trabalhadores, suas mulheres e suas crianças.

Porque respeitariam índios?

E o extermínio não é chegar lá e dar um tiro na cabecinha do índio. Extermínio é um processo. A fase atual é a aceleração desse processo - tiram-lhes a terra, depois a dignidade, depois o espírito de tribo (família) e depois a alma -. Pense nos seus dezessete.

Trecho de Carta das lideranças Yanomami enviada recentemente a Jair Bolsonaro

“Nós Yanomami queremos falar como o senhor atacou nós. Nosso povo, nosso nome. Não pode usar o nome do Povo Yanomami não. Por faltar respeito.

Nós estamos respeitando. O senhor é presidente do país. O senhor não tá mostrando o caminho bom.

O trabalho de qualidade. O senhor está mostrando trabalho sujo, garimpagem, botar mineração na Terra Indígena. Botar gado na nossa terra.

Não precisamos criar boi não. Já temos nossa alimentação.

Usufruto da nossa mãe. Usufruto da floresta, onde nascemos e vivemos ... nós somos guerreiros para defender nosso direito, para proteger nossas terras boas.

Não queremos que as autoridades estraguem a nossa floresta. Vamos pensar primeiro antes de destruir e maltratar o meu povo Yanomami.

Não é assim que homem fala não...”⁵

Py'aju significa *covarde* em guarani. Já Yamari, na língua Yanomami significa *espírito maléfico*, enquanto Oka, também em Yanomami, é *indivíduo perigoso e hostil, inimigo*. Você já pensou se os 17 membros de sua família estivessem marcados para serem exterminados? Pense em sua família e relembre a música de Violeta Parra: *Volter a los 17* [<https://www.youtube.com/watch?v=krEMw8E5ZAg>]

■■■

Fontes:

1 https://ww2.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf

2 <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/areas-indigenas>

3 http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_terras_indigenas_25/index.html

4 <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=68>

5 <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-rio-negro/yanomami-respondem-bolsonaro-nao-somos-pobres-e-nao-queremos-garimpe>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.